

CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O AUTISMO

relato de experiência de ação desenvolvida na Comunidade da Maré

AUTISM AWARENESS

experience report of action developed in the Maré Community

Maria Isabel do Nascimento¹
Antonio Duarte Guedes Filho²
Jaqueline dos Santos Rodrigues³

Amanda Ribeiro de Lima⁴
Wender Emiliano Soares⁵
Luis Antonio dos Santos Diego⁶

RESUMO

Este relato de experiência enfatiza a aproximação universidade-territorialidades e descreve a ação de campo que inaugurou as atividades do projeto de extensão intitulado “Saúde e educação para a vida em conversas com crianças, pais e professores na Comunidade da Maré”. O projeto de extensão visa articular temas de saúde e educação considerados transversais à educação básica, valorizando o conhecimento popular e o acadêmico. A estratégia metodológica consiste no desenvolvimento de oficinas que são realizadas nas dependências da escola parceira localizada na Comunidade da Maré. As conversas são orientadas pelas demandas e necessidades das pessoas da comunidade. A conscientização sobre o autismo foi o tema inaugural posto a campo na data da celebração, dia 2 de abril de 2022. Na agenda estão outras demandas que perpassam pelo (i) uso consciente da internet, (ii) prevenção do câncer de pele, (iii) saúde do homem, (iv) racismo e discriminação, (v) responsabilidade com o meio ambiente, (vi) educação sexual etc. A ideia é trabalhar os conteúdos estruturantes da formação educacional das crianças, bem como dar a elas a oportunidade de protagonizar experiências novas, reconhecendo como legítimo os saberes trazidos por elas mesmas e pelos demais participantes. Nesse sentido, ouvir as crianças e dialogar com elas é tratar, no presente, de trocas de ideias que não só importam ou atraem a atenção delas hoje, mas que podem impactar no futuro.

Palavras-chave: Educação; Saúde; Desenvolvimento infantil; Relações comunidade-instituição.

1 Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, RJ, Brasil
Doutora em Saúde Pública e Meio Ambiente pela Fundação
Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) – Rio de Janeiro, RJ, Brasil
E-mail: maria_isabel@id.uff.br

2 Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, RJ, Brasil
Graduando em Medicina pela UFF

3 Creche Vivendo e Aprendendo – Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Professora da Educação Infantil e Ensino Fundamental (1º a
5º ano) formada pelo Colégio Estadual Heitor Lira

4 Creche Vivendo e Aprendendo – Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Augusto
Motta (UNISUAM)

5 Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, RJ, Brasil
Graduando em Medicina pela UFF

6 Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, RJ, Brasil
Doutor em Anestesiologia pela Universidade Estadual
Paulista (UNESP) – Botucatu, SP, Brasil

ABSTRACT

This experience report emphasizes the proximity between the university and territorialities and describes the activity that inaugurated the activities of the extension project entitled “Health and education for life in conversations with children, parents and teachers in the Maré Community”. The project aims to articulate health and education transversal topics from the Basic Education, considering the popular and academic knowledge. The methodological strategy consists of the development of workshops that take place on the partner school’s premises located in the Maré Community. Conversations are guided by the demands and needs of people from the Maré Community. Autism awareness was the opening theme put to the field on the date of the celebration, April 2nd. On the agenda are other demands such as (i) conscious use of the internet, (ii) skin cancer prevention, (iii) man health, (iv) racism and discrimination, (v) environmental causes, (vi) sexual education, etc. The idea is to focus on the structuring contents of children's educational training, as well as giving them the opportunity to carry out new experiences, recognizing as legitimate the knowledge brought by themselves and the other participants. This sense, listening to children and dialoguing with them is an opportunity to exchange ideas that not only matter or attract their attention today, but that can impact in the future.

Keywords: Education; Health; Child development; Community-Institutional relations.

INTRODUÇÃO

O Projeto Pedagógico Institucional da Universidade Federal Fluminense (UFF) faz referência, no tópico “Políticas de Extensão”, ao papel que a universidade exerce na promoção de transformações na sociedade, devendo, para isso, articular o conhecimento acadêmico com o conhecimento popular (UFF, 2018). A aproximação universidade-sociedade delinea um canal de trocas, que tem como referência o conhecimento acadêmico e popular e as demandas sociais.

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense completou, em 2020, 95 anos de existência, comprometida com a saúde da população de seu entorno, com a formação profissional e com a produção do conhecimento. Tais compromissos devem

estar corporificados nas ações de extensão, as quais necessitam, cada vez mais, de interações dialógicas, fortalecedoras das relações entre a universidade e os diferentes setores da sociedade. Busca-se assim a troca horizontal de saberes, abandonando a hegemonia e a suficiência científicas, enraizadas no ambiente universitário.

Os conteúdos abordados na escola fazem sentido quando induzidos e contextualizados com as questões e necessidades emanadas da vida de seus atores, principalmente de suas crianças e adolescentes. A participação e o envolvimento da escola nos interesses das crianças subentendem o compromisso com a vida delas, lhes confere identidade e as aproxima do mundo real. Assim, tendo como

ponto de partida as demandas da comunidade, essa ação se baseia no diálogo que une docentes e discentes da Faculdade de Medicina da UFF e membros da escola de educação básica e infantil, na figura de professores, crianças, pais e responsáveis.

A premissa é que o entendimento do que constitui objeto de interesse e de necessidade da população possa sustentar o diálogo e ajudar a promover ações inclusivas, com repercussão de curto, médio e longo prazos na vida das pessoas. Nesse sentido, este projeto de extensão foi apresentado à plenária da reunião ordinária de um dos departamentos de ensino da Faculdade de Medicina da UFF e aprovado no dia 30 de novembro de 2021. Com o título “Saúde e educação para a vida em conversas com crianças, pais e professores na Comunidade da Maré”, o projeto foi concebido com o propósito de debater temas articulando saúde e educação para a vida, transversais à educação básica, considerando o conhecimento popular e o acadêmico.

Quanto à caracterização, o projeto se enquadra na Área de Conhecimento – Ciências Humanas; Área Temática Principal – Educação; Área Temática Secundária – Saúde e Linha de Extensão – Temas Específicos / Desenvolvimento Humano. A metodologia do projeto se baseia principalmente na estratégia de realização de oficinas, com periodicidade mensal, visando o desenvolvimento de atividades presenciais em uma instituição parceira, de ensino básico, localizada na Comunidade da Maré.

O principal propósito do projeto é abordar questões de saúde e da vida no espaço da educação formal, tendo como alvo a cidadania e a vida saudável e segura. As demandas são das crianças, sob orientação de seus professores. As oficinas, estrategicamente agen-

dadas, permitem que temas que permeiam a mídia e a vida real sejam abordados, dando oportunidade à reflexão e à ressignificação. Na pauta estão: (i) uso consciente da internet, (ii) prevenção do câncer de pele, (iii) abordagem da saúde do homem, (iv) racismo e discriminação, (v) responsabilidade com o meio ambiente, (vi) educação sexual etc.

Este trabalho tem o objetivo de descrever a experiência vivenciada pelos autores, durante a participação no evento que marcou a atividade inaugural do projeto de extensão, a qual foi promovida em celebração ao Dia da Conscientização do Autismo, com a finalidade de conversar sobre o acesso de pessoas autistas ao Ensino Superior.

2. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Autismo é uma condição associada ao desenvolvimento cerebral, que engloba uma diversidade de manifestações, atualmente nomeadas de Transtornos do Espectro Autista (TEA). A dificuldade de interação social e de comunicação caracteriza o distúrbio. Graus incomuns de reatividade às sensações, foco nos detalhes, padrões de movimentos e comportamentos atípicos também podem estar presentes, em graus variados de intensidade e com mudanças ao longo do tempo (WHO, 2023). A data de 2 de abril é reservada para celebrar a “Conscientização do Autismo”.

A estruturação do trabalho visa registrar partes do desenvolvimento da ação de extensão e as interpretações do grupo que a protagonizou (Lüdke; Cruz; 2010). Consiste em um relato de experiência que foi vivenciada pelos autores no evento inaugural do projeto de extensão “Saúde e educação para a vida em conversas com crianças, pais e professores na comunidade da Maré”.

A ação ocorreu no dia 2 de abril de 2022 e foi desenvolvida em espaço reservado pela escola parceira, em um galpão localizado na Comunidade da Maré. A atividade preencheu a manhã de mais de 60 pessoas que estavam presentes no evento nomeado “Ser diferente também é normal”. Durante aproximadamente três horas, interagiram professores e funcionários da escola parceira, pais de crianças autistas e não autistas e os membros da equipe de extensão.

3. RELATO DA EXPERIÊNCIA

A data gerou uma demanda da escola reconhecida pelos membros do projeto de extensão como legítima. Foi acatada como uma oportunidade para motivar principalmente as pessoas neuroatípicas. Assim, o diálogo se desenrolou bem próximo daqueles que mais precisam, divulgando e conversando sobre o acesso ao Ensino Superior, ampliado às pessoas com deficiência. Desse modo, as ações do projeto podem ajudar a promover a interlocução da universidade com a sociedade, divulgando que as portas estão abertas com equidade manifestada pela clientela que frequenta as salas de aula, atualmente.

Figura 1. Evento de Ação de Extensão do dia de Conscientização do Autismo



Fonte: acervo dos autores.

O encontro começou com a fala do Conselho Tutelar de Bonsucesso. Ele fez menção à questão da violência contra crianças e deu ênfase aos direitos da criança e do adolescente garantidos por lei (Brasil, 1990), se colocando à disposição para encaminhamentos pertinentes. A rede de apoio intitulada “Especiais da Maré” (Euclides, 2020) esteve presente. Mães e familiares de crianças com deficiência que recebem apoio da rede conversaram sobre as dificuldades que enfrentam junto com suas crianças, mas ressaltaram a compensação de vê-las progredir.

Figura 2. Rede Especiais da Maré



Fonte: acervo dos autores.

A participação da profissional psicomotricista serviu para destacar o papel da sintonia mente-corpo e a importância dos movimentos. A psicopedagoga conversou sobre características básicas do TEA, dando algumas pistas de alerta para pais e professores. A professora-coordenadora do projeto de extensão focou sua fala no acesso ampliado ao Ensino Superior. Por fim, o aluno integrante do projeto de extensão fez de si um exemplo

de pessoa neuroatípica e se valeu dessa condição para motivar crianças, pais e professores a perseverarem em busca de seus sonhos. O evento foi gravado, com vídeo veiculado pelo *YouTube*.

3.1. AMPLIAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Conversar sobre a Lei de Cotas (Brasil, 2012) com pessoas da comunidade pode fomentar mudanças na caminhada de grupos historicamente excluídos por causa de etnicidade e/ou cor da pele e por baixa renda. Passados os primeiros 10 anos de vigência do dispositivo legal em questão, está na agenda política uma perigosa avaliação do propósito e continuidade da Lei. Enfatizamos acreditarmos que a Lei de Cotas precisa continuar a vigorar.

O dispositivo foi alterado foi alterada em 2016 (Brasil, 2016), ampliando a reserva de vagas às pessoas com deficiência. Acreditamos ser um dever dar o testemunho sobre a clientela que atualmente frequenta os cursos de graduação de medicina na UFF, porque pode servir de incentivo para o “fazer valer o direito” que minorias veem, invariavelmente, ameaçado.

3.2. OS DIFERENTES CHEGAM AO CURSO DE MEDICINA NO BRASIL

O aluno extensionista se valeu da própria experiência para apoiar e alertar os presentes. Falou da importância do diagnóstico precoce e da perseverança em buscar apoio e acreditar na criança. Citou a sua trajetória de vida como exemplo, as dificuldades enfrentadas e as passagens por escolas. Alertou que nada é fácil, mas que havia chegado ao curso de graduação em medicina da Universidade Federal Fluminense.

Como estudante de medicina, ele fez refe-

rência em sua fala à disciplina de neurobiologia. Destacou que aprendeu que o neurônio da pessoa com autismo tem muito mais conexões, quando comparado aos das pessoas em geral. Para ele, isso gera inibições, bem como desinibições excessivas, ou seja, faz com que tudo seja intenso. Uma aula de 10 minutos, que para a maioria é leve, pode ser pesada para um estudante com autismo, por exemplo. Nesse sentido, os educadores têm que saber que precisam falar mais devagar, repetir mais vezes, isso sem ficar incomodados. É sabido também que, mesmo com todas as dificuldades, a memória desses sujeitos pode ser privilegiada (Gurbaz; Hanley; Riby, 2019). Para o aluno, isso é uma vantagem se houver um bom tratamento. Contudo, na ausência de tratamento efetivo, pode ser uma desvantagem, devido ao acúmulo de sentimentos ruins.

Como uma pessoa autista, ele chamou atenção para a importância de eliminar as distrações e focar no tratamento do transtorno, bem como de não ter medo, nem do transtorno e nem do tratamento. Discorreu ainda sobre as intervenções pedagógicas e psicológicas. Estas últimas também se valem de medicamentos. Alertou que se deve ter cuidado para evitar o uso excessivo de medicamento, mas deixar faltar simplesmente por acreditar que “remédio pode fazer mal” pode ocasionar situações que são piores do que a medicalização.

Como alguém que acredita que “ser diferente é normal”, ele, com esperança, defendeu em sua fala que, se o mundo melhorar, o autista também vai melhorar. Salientou também a importância de se usar do afeto e da perseverança, e que vale a pena insistir enquanto se estiver sentindo que a criança está se desenvolvendo, mesmo com dificuldades. É preciso ter paciência e sensibi-

lidade para perceber o momento em que o desenvolvimento cessou e que não adianta insistir, promovendo um momento de descanso e retomando posteriormente as intervenções. Disse que é interessante ensinar ao autista que nem sempre as pessoas vão ter compreensão do que se passa na cabeça dele, tampouco sobre as implicações que a neuroatipia promove no comportamento do autista. Nessas situações, é importante entender que aqueles que se acham ou são vistos como “normais” também têm especificidades e limitações. Portanto, não se deve ficar muito nervoso com isso. Essa compreensão também proporciona progressos ao autista, pois melhora a autoestima dele. Às vezes, é mais fácil um autista compreender o mundo do que o contrário.

Nas suas palavras finais, o estudante alertou que se algum pai ou mãe estiver em dúvida se um filho ou filha é autista, não precisa ter medo de ir buscar o diagnóstico. Se o diagnóstico ocorrer mais cedo, o caminho fica mais suave. Também destacou que as concepções erradas podem atrapalhar o desenvolvimento da criança, com repercussão na vida adulta. Há quem pense que “se a pessoa fala, não é autista”, o que, para ele, é uma espécie de preconceito. Isso porque existem vários níveis de autismo e todos apresentam alguma melhora quando o tratamento é adequado.

O aluno afirmou que foi confortável cursar o primeiro período do curso, desfrutando do ensino remoto. Ele obteve aprovação em todas as disciplinas e, com responsabilidade, revelou estar consciente de que as atividades presenciais consistiriam em um novo desafio – a inclusão frequentando o espaço físico da universidade, do ano de 2022 em diante. Resgatando as palavras da psicopedagoga para completar as suas, lembrou que

o autismo não é uma moda, e sim um sinal de avanço do conhecimento e precisão diagnóstica. É uma condição que, a princípio, pode gerar sofrimento. Contudo, quanto mais se entende que por trás de tantos diagnósticos existe o conhecimento, também se entende que a criança é capaz, que o “doutor” é capaz e, assim, a tristeza vai embora. Dessa forma, esse mesmo conhecimento que revelou o autismo, vai também proporcionar muitas alegrias.

3.3. O AUTISMO EM NÚMEROS

Para os integrantes do projeto foi importante divulgar que a população de pessoas autistas tem aumentado no mundo. Depois da casa onde vivem, a escola é o lugar mais frequentado por crianças. Nesse sentido, esta ação de extensão usou da estratégia de ir até a escola para dialogar sobre o tema. Da escola, é esperada atenção para os números que quantificam aqueles que são um pouco diferentes. Em geral, estima-se que o autismo está presente em uma para cada 100 crianças (Zeidan *et al.*, 2022).

Nosso papel foi também sublinhar que aos 8 anos de idade, faixa na qual usualmente as crianças frequentam a escola, os números esperados de autismo podem ser muito maiores. Nos Estados Unidos, por exemplo, o transtorno está presente em uma para 54 crianças na faixa em questão (Maenner *et al.*, 2020). Se a referência for o sexo, a frequência é muito desigual, estando presente em uma menina para cada 4,3 meninos (Maenner *et al.*, 2020). Na experiência compartilhada junto à escola parceira, foi possível captar que, apesar dos diferentes níveis apresentados nos meninos, as características do espectro parecem mais acentuadas nas meninas.

Os números do censo do Ensino Superior mostram que a educação está buscando cum-

prir seu papel inclusivo, mas precisa melhorar. Essa é uma informação louvável que deve ser divulgada nas escolas de ensino básico, posto que ela é a grande promotora dos avanços. Apoiadas pelas leis, as crianças autistas estão chegando ao nível mais elevado da educação.

Pelo Censo do Ensino Superior (INEP, 2015),

realizado antes da ampliação da Lei de cotas, havia apenas três estudantes autistas nos cursos de medicina no Brasil, mas, em 2019, esse número aumentou para 32. Algumas condições relacionadas ao neurodesenvolvimento foram colocadas em quadro, para facilitar a visualização dos avanços que vem sendo alcançados.

Quadro 1. Diferenças no neurodesenvolvimento reportadas por estudantes matriculados na graduação em medicina, 2015 e 2019, no Brasil

Diferenças do neurodesenvolvimento	Total	2015	2019
Autismo	35	3	32
Síndrome de Asperger	32	4	28
Síndrome de Rett	6	1	5
Transtorno desintegrativo	8	1	7
Deficiência Intelectual	281	56	225
Superdotação	316	268	48

Fonte: INEP, 2015.

Debater esse tema durante a ação de extensão foi uma forma de contribuir para a inclusão de alunos que são pessoas com deficiência (PcD). No caso particular do autismo, a inclusão escolar contempla a inserção da criança nas turmas regulares, compartilhando o espaço físico incrementado por adaptações que se façam necessárias. A fala dos professores envolvidos na oficina ratificou que o processo pedagógico deve ser norteado por uma ação metodológica que considere a singularidade da pessoa, adotando as recomendações do plano de ensino individualizado. A oficina contou com pais/responsáveis de crianças autistas da Comunidade da Maré. Dessa forma, os professores também acreditam que a inclusão se torna efetiva quando a família trabalha em parceria com a escola, de forma global, buscando o acompanhamento necessário e contando com a atenção de equipe multidisciplinar.

COMENTÁRIOS FINAIS

A extensão, no âmbito da universidade brasileira, consiste em ações que visam estabelecer interlocução transformadora, com a universidade inserida na sociedade, ambas seguindo lado a lado (Steigleder; Zucchetti; Martins, 2019). Trata-se, portanto, de um canal que dá oportunidade para a comunicação efetiva e para o reconhecimento das demandas da sociedade, emanadas por seus próprios atores. Elas são sentidas pelos interlocutores no contexto físico ou imaginário, onde tudo acontece, com problematização e ressignificação, configurando objetos a serem pensados como alvo de ações extensionistas. Assim, “o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pen-

samos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário” (Freire, 2001, p. 66).

Usufruindo dessa lição presenteada por Paulo Freire, a Comunidade da Maré fez com que o nosso “pensamos” se materializasse no espaço de vida que hospitaleiramente recebeu a equipe de extensão, empenhada nessa primeira missão. No “pensar” compartilhado pela escola, percebemos que, no caso do autismo, o processo de inclusão vai muito além da inserção dos aprendizes nas classes regulares. Também é muito importante compartilhar condições de ensino e experiências sociais que busquem superar as dificuldades do aluno e potencializar suas habilidades, independentemente de suas limitações físicas, neurológicas ou psicossociais.

Foi dado o primeiro passo. Aos poucos vamos nos conhecendo, confiando e aprofundando a interlocução. O diálogo desenvolvido em espaços do “mundo real” segue fluindo impregnado de significados e experiências, fortalecendo a aproximação e facilitando a compreensão das falas. Esse relato de experiência foi baseado na observação dos autores e descreveu a atividade que inaugurou, *in loco*, o projeto de extensão “Saúde e educação para a vida em conversas com crianças, pais e professores na Comunidade da Maré”. O projeto segue em desenvolvimento, contando com a criatividade das crianças, a boa vontade dos professores e a participação dos pais para constituir o tripé de sustentação onde se ancora essa ação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei No 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 18 de novembro de 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, de 30 de agosto de 2012.

BRASIL. **Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016.** Altera a Lei No 12.711, de 29 de agosto de 2012. Para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Diário Oficial da União, de 29 de dezembro de 2016. Seção 1. Folha 3.

EUCLIDES, Hélio. Mobilização em prol da inclusão. Familiares de pessoas com deficiência criam grupo na Maré para lutar pelos seus direitos. **Maré de Notícias**, fev. 2020, Ed. 109; pp 4-5. Disponível em:

https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/Mare-de-Noticias_109_fevereiro.pdf. Acesso em 26 de abril de 2022.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GURBAZ, Emine; HANLEY, Maria; RIBY, Débora M. University Students with Autism: The Social and Academic Experiences of University in the UK. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 617-631, fev. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3741-4>. Acesso em 11 de dezembro de 2023.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior** [internet]. 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em 16 de abril de 2022.

LÜDKE, Menga; CRUZ, Giseli Barreto da. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação

básica. **Formação Docente - Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 86-107, 2010. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/20>. Acesso em: 2 de setembro de 2023.

MAENNER, Matthew *et al.* Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2016. **MMWR Surveillance Summaries**, [S. l.], v. 69, n. 4, p. 1-12, mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss6904a1>. Acesso em 11 de dezembro de 2023.

STEIGLEDER, Luciane Iwanczuk; ZUCCHETTI, Dinorá Tereza; MARTINS, Rosemari Lorenz. Trajetória para curricularização da extensão universitária: contribuições do fórum nacional de extensão das universidades comunitárias - FOREXT e a definição de diretrizes nacionais. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 167-174, dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.36661/2358-0399.2019v10i3.10916>. Acesso em 11 de dezembro de 2023.

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Projeto Pedagógico Institucional** - PPI - Documento integrado ao PDI 2018-2022, aprovado na sessão ordinária do Conselho Universitário de 30 de maio de 2018. Decisão CUV 014/2018, publicada no BS nº 100, de 11/06/2018; Niterói: UFF, 2018.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Autism** [Key Facts]. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em 1 de setembro de 2023.

ZEIDAN, Jinan *et al.* Global prevalence of autism: A systematic review update. **Autism Research**, [S. l.], v. 15, n. 5, p. 778-790, mai. 2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/aur.2696>. Acesso em 11 de dezembro de 2023.

Recebido em: 26.04.2022

Revisado em: 08.09.2023

Aprovado em: 11.12.2023